

RADICALIZAÇÃO E FUSIONISMO NO ATIVISMO
JUVENIL DA DIREITA ARGENTINA APÓS
2001: A ATUALIDADE DE UMA HISTÓRIA

*RADICALIZACIÓN Y FUSIONISMO EN EL ACTIVISMO
JUVENIL DE LAS DERECHAS ARGENTINAS
TRAS 2001: ACTUALIDAD DE UNA HISTORIA*

*RADICALISATION AND FUSIONISM IN
ARGENTINEAN RIGHT-WING YOUTH ACTIVISM
AFTER 2001: A HISTORY IN THE PRESENT DAY*

*Matías GRINCHPUN**

*Sergio MORRESI***

*Ezequiel SAFERSTEIN****

*Martín VICENTE*****

RESUMO: Este artigo propõe uma abordagem das diferentes modalidades assumidas pelos jovens que, identificados com diferentes ideologias da direita argentina, tornaram-se politicamente ativos depois da crise econômica e de representação

* Professor da Faculdade de Filosofia e Letras e da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Buenos Aires, Professor de História e Doutor em História pela Universidade de Buenos Aires, pós-doutorado do Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Técnicas. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3163-2548>. Contato: matiasgrinchpun@gmail.com.

** Professor da Universidade Nacional do Litoral, Doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo, Bacharel em Ciência Política pela Universidade de Buenos Aires, Pesquisador Independente do Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Técnicas da Universidade Nacional do Litoral Sergio Morresi. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8287-5772>. Contato: smorresi@gmail.com.

*** Professor da Universidade de Buenos Aires e da Universidade Nacional de San Martín, Doutor em Ciências Sociais e Bacharel em Sociologia pela Universidade de Buenos Aires, Mestre em Sociologia da Cultura pela Universidade de San Martín, Pesquisador Adjunto do Conselho Nacional de Pesquisa Científica e Técnica da Escola de Altos Estudos Sociais-Universidade Nacional de San Martín. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1816-4164>. Contato: esafenstein@unsam.edu.ar.

**** Professor da Universidade Nacional de Mar del Plata, Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de Buenos Aires, Mestre em Ciência Política pela Universidade Nacional de San Martín, Bacharel em Comunicação Social pela Universidade de El Salvador, Pesquisador Adjunto do Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Técnicas da Universidade Nacional do Centro da Província de Buenos Aires. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6744-0268>. Contato: vicentemartin28@gmail.com.

política que teve lugar em 2001. Para isso, em primeiro lugar, coloca-se em perspectiva histórica o ativismo juvenil de direita no século XX em duas famílias ou tradições políticas argentinas: a liberal-conservadora e a nacionalista-reacionária. Seguidamente a atenção se concentra no cenário do século XXI, marcando os sucessivos momentos de visibilidade ativista juvenil, primeiro na centro-direita e depois em expressões radicalizadas que, a partir de um efeito fusionista resultou na convergência das famílias de direita em Argentina.

PALAVRAS-CHAVE: Ativismo juvenil. Direitas. Argentina.

RESUMEN: *Este trabajo propone un abordaje de las diversas modalidades que asumieron los jóvenes que, identificados con distintos idearios de las derechas argentinas, activaron políticamente en el ciclo abierto tras la crisis de 2001. Lo hace historizando el activismo juvenil derechista del siglo XX en base a dos familias: la liberal-conservadora y la nacionalista-reaccionaria, enfocando luego un recorrido por la coyuntura abierta por el propio quiebre de 2001 y los sucesivos momentos de visibilización activista, primero en la centroderecha y luego en expresiones radicalizadas que desde un efecto fusionista logró que convergieran aquellas tradiciones con un destacado protagonismo juvenil.*

PALABRAS CLAVE: *Activismo juvenil. Derechas. Argentina.*

ABSTRACT: *This work proposes an approach to the various modalities assumed by young people who, identified with different ideologies of the Argentine right, and became politically active in the open cycle after the 2001 crisis. It does so by historicizing right-wing youth activism of the 20th century based on two families: the liberal-conservative and the nationalist-reactionary, then focusing on a tour of the situation opened by the breakup of 2001 itself and the successive moments of activist visibility, first in the center-right and then in radicalized expressions that from a fusionist effect managed to converge those traditions with a strong youth prominence.*

KEYWORDS: *Youth activism. Right-wing. Argentina.*

Introdução

Recentemente, o lugar dos jovens de direita ganhou centralidade na agenda pública, muitas vezes sublinhando a surpresa com o fenômeno. Longe de ser uma novidade, a presença ativa de jovens em ideologias de direita foi um constante

irregular na Argentina desde o início do século XX, ligada aos movimentos gerais do espaço de direita local. O lugar dos atores juvenis era mais visível no universo nacionalista-reacionário do que no universo liberal-conservador até a reconstrução democrática pós-1983, com efeito sobre a disparidade bibliográfica em favor dos primeiros (Bohoslavsky, Echeverría; Vicente, 2021; Morresi; Vicente, 2023). O caráter beligerante e visível do nacionalismo colocou os jovens em um lugar central, promovendo empreendimentos intelectuais, militância ativa e muitas vezes violenta, foi amplamente abordado pelos analistas (Lvovich, 2003; Mcgee Deutsch, 2005; Padrón, 2017).

A extensão dessa ideologia às fileiras das Forças Armadas, à imprensa ideológica de massa e às derivas subnacionais também recebeu atenção, novamente com a juventude em um lugar-chave (Galván, 2013; Casas, 2018, 2018). O aspecto jovem da família liberal-conservadora foi menos evidente durante grande parte do século XX, portanto, a atenção de estudos específicos foi menor. A ascensão de jovens intelectuais, mas não de jovens, no pós-peronismo deve ser marcada como uma exceção antes do retorno democrático de 1983 (Vicente, 2015). O quadro ali aberto foi abordado a partir de experiências militantes juvenis no universo liberal-conservador, época em que o nacionalismo-reacionário se deslocava para as margens da vida pública (Vommaro; Morresi; Bellotti, 2015; Arriondo, 2015; Grandinetti, 2019).

A recente convergência entre jovens que transitaram nas margens da direita liberal-conservadora em um processo de radicalização com outras expressões de direita ganhou entidade política e foi abordada por analistas (Goldentul; Saferstein, 2020; Morresi; Vicente, 2023; Vázquez, 2023), paralelamente a uma transformação internacional da direita marcada pelo radicalismo, pela miscigenação e pelo componente juvenil (Goodwin; Eatwell, 2019; Mudde, 2021; Stefanoni, 2021). A partir dessa perspectiva, analisaremos o ativismo juvenil na direita argentina. Após um passeio panorâmico pelos eixos centrais da presença juvenil durante o século XX, abordaremos o cenário aberto no século XXI e analisaremos a recente radicalização da juventude de direita. Buscamos mostrar que a transformação política após a crise de 2001, quando o governo da Aliança caiu, a conversibilidade peso-dólar acabou e uma polarização entre os espaços políticos foi gradualmente construída, permitiu recentemente o surgimento de uma expressão de direita radical com perspectiva política fusionista, que chegou ao poder em 2023 (Nash, 1987).

A hipótese que norteia este trabalho propõe que a radicalização de um segmento do liberalismo-conservador operou em convergência com outras expressões de direita com um protagonismo central dos setores da juventude, o que implicou duas mudanças diante da direita argentina: a radicalização de um setor do liberalismo-conservador e uma convergência com as famílias do nacionalismo-reacionário após sua relativa marginalização desde o retorno à democracia. À luz do que foi marcado, o texto propõe uma leitura da juventude em dois sentidos. De um lado,

seguindo as concepções de juventude presentes nos trabalhos pesquisados, que se debruçam sobre três momentos de visibilidade: as primeiras décadas do século XX, os chamados “longos anos sessenta” e a recuperação democrática de 1983. Diante disso, o texto enfoca a juventude pós-ruptura de 2001, compreendendo uma abordagem da juventude a partir das posições dos sujeitos analisados, que se apresentam como jovens e são compreendidos como tal pelos atores com os quais se relacionam (ou seja, colocados e representados como tais no campo político, Bourdieu, 1982;).

Assim, o texto se baseia em uma reconstrução do lugar da juventude na direita argentina à luz de trabalhos anteriores, tanto dos autores quanto em diálogo com a produção especializada, aos quais se soma o monitoramento das redes sociais desses setores e o trabalho de campo em manifestações, encontros culturais e políticos, eventos das campanhas de 2021 e 2023 (incluindo a posse presidencial de Javier Milei), que são detalhados nos casos apresentados.

Um olhar sobre o século XX

Desde sua constituição como famílias diferenciadas, o liberalismo-conservador e o nacionalismo-reacionário tiveram a juventude como atores em suas dinâmicas e temas de seus discursos. Por volta do Centenário de 1910, surgiu um nacionalismo que se afastou do liberal-conservadorismo tutelar, que enfrentou no contexto aberto pela Primeira Guerra Mundial, a Revolução Russa e, posteriormente, o avanço do fascismo. Essa diferenciação se deveu, em parte, ao protagonismo dos jovens: apesar das preocupações comuns, os perfis de liberais-conservadores e nacionalistas-reacionários adquiriram tons diferenciados, onde a agitação juvenil deste último setor foi fundamental. Enquanto os primeiros defendiam a ideologia politicamente republicana da Constituição de 1853, uma concepção capitalista-mercantil da economia e uma leitura sociocultural cosmopolita e elitista, os segundos questionavam esse modelo apelando para o autoritarismo político, esquemas econômicos corporativos e tradicionalismo cultural. Assim, colidiram com duas formas de compreender a realidade e propor um horizonte: os liberais rotularam os nacionalistas de tacanhos e atrasados, enquanto estes culpavam seus oponentes pela penetração de ideias em dissolução (Morresi; Vicente, 2023).

Tal separação e desacordo foram projetados historicamente, mas também houve colaboração em momentos específicos: durante o golpe de Estado de 1930 contra o segundo governo de Hipólito Yrigoyen, da União Cívica Radical (UCR) (1916-1922; 1928-1930) ambos os setores levantaram um discurso que possibilitou convergências posteriores, identificando a democracia majoritária com demagogia e corrupção. Entre os nacionalistas-reacionários, abundaram experiências como o jornal *La Nueva República* ou a sofisticada revista cultural *Sol y Luna*, impulsio-

nadas por jovens intelectuais, por meio das seções juvenis de organizações como a Ação Nacionalista Argentina, a União Nacional Argentina e a Aliança Nacionalista de Libertação (Buchrucker, 1987: 118-123).

Enquanto o universo liberal mostrava a primazia dos atores adultos e tons distantes do juvenilismo, os nacionalistas juraram dar a vida pela causa, um tom militante que atravessou as décadas de 1930 e 1940 chamando-o de jovem. Em meados daquela década, tanto a partir do nascente peronismo quanto em setores antiperonistas, jovens atores levantaram suas vozes, protagonizaram empreendimentos culturais e se chocaram virulentamente após a reeleição de Juan Perón (1946-1952; 1952-9155), com o exemplo marcante dos jovens comandos civis, que produziram ataques e sabotagens antigovernamentais (Bartolucci, 2018). Nacionalistas-reacionários e liberais-conservadores convergiram para lá, mas também radicais, socialistas e católicos apertados. O golpe de Estado de 1955 foi saudado por liberais-conservadores que narraram sua experiência como resistência geracional a uma reversão do totalitarismo, embora sem apelar para o juvenilismo (Vicente, 2014). O nacionalismo reacionário se dividiu: alguns jovens ocuparam cargos na ditadura fugaz do nacionalista Eduardo Lonardi, vingando-se de Perón, que os considerava “píantavotos”, mas foram relegados após a ascensão do liberal Pedro Aramburu, optando por um jornalismo ideológico como o extremista Combate ou Azul y Blanco, que alcançou notável circulação e depois se aproximou do Justicialismo (Galván, 2013).

Certos jovens nacionalistas gradualmente redescobriram o peronismo enquanto seu ativismo trazia o nacionalismo para as ruas e as manchetes da imprensa de massa. No final da década de 1950, grupos como a União dos Estudantes Nacionalistas Secundários (UENS) formaram o Movimento Nacionalista de Tacuara, que articulava a militância juvenil por meio de slogans anti-imperialistas, anticomunistas e antisemitas. Tacuara construiu uma identidade vitalista expressa tanto em grafites de rua quanto em intimidações e espancamentos fatais e até sequestros com tortura. Isso tornou a juventude nacionalista-reacionária visível nas discussões públicas, as preocupações das autoridades e da embaixada dos EUA (Rein, 2007: 250-273). A fragmentação gradual em direção a horizontes ideológicos diferentes mostrou que, além de suas diferenças, esses grupos compartilhavam uma ideologia comum de hostilidade às presidências de Arturo Frondizi (1957-1962) e Arturo Illia (1963-9166) (que chegou ao poder com o peronismo ilegal), e expectativa da ascensão do general Juan Carlos Onganía no golpe de 1966. cujo gabinete reuniu nacionalistas e liberais com conservadores e fundamentalistas. A decepção não demorou a chegar: a política econômica foi condenada como liberal pelas páginas nacionalistas, que também não toleraram que o governo ditatorial condenasse os jovens nacionalistas que sequestraram um avião para viajar para as Ilhas Malvinas para reivindicar a soberania. De Azul y Blanco e do fundamentalista Jauja, sua

“coragem” foi reivindicada e as autoridades que os julgaram foram admoestados (Grinchpun, 2022). Como nos golpes de 1930 e 1955, os nacionalistas acabaram frustrados com o que descreveram como uma capitulação ao liberalismo, especialmente quando o general Alejandro Lanusse liderou a segunda etapa ditatorial a partir de 1970 e articulou uma solução eleitoral, que permitiu o retorno do peronismo em 1973. O fim da proscrição iniciada em 1955 foi chocante para os liberais-conservadores: o setor liberal das Forças Armadas, antes ferozmente antiperonista, favoreceu uma reabertura eleitoral que, segundo a revista *El Búrgués*, entregou o país a Perón (Vicente, 2019). Dentro do nacionalismo reacionário, havia quem se entusiasmava com o retorno do peronismo, incluindo grupos como a Guarda de Ferro, a Frente Nacional Estudantil (FEN), o Comando da Organização (CdO), a Concentração Nacional Universitária (CNU) e a Juventude Peronista da República Argentina (Denaday, 2022). Nesse contexto, houve uma rápida ativação militante de jovens que não haviam se identificado anteriormente com posições nacionalistas-reacionárias, assim como outros abandonaram o peronismo de esquerda em favor da “ortodoxia” de direita e provocaram violentos conflitos internos. Não menos virulentos foram os jovens que se apegaram ao antiperonismo dogmático, como os tradicionalistas católicos que lançaram a revista *Cabildo*, cujas invectivas lhe renderam duas proibições governamentais (Ruiz, 2024).

O cenário instável acelerou uma radicalização do vocabulário liberal-conservador, que se aproximou do nacionalismo-reacionário na construção de uma figura ampla de “inimigo interno” (Franco, 2012). Após a morte de Perón, em 1974, o golpe de Estado de 1976 propôs um “Processo de Reorganização Nacional” capaz de “mudar a mentalidade” da sociedade e forjar uma geração jovem herdeira de seus valores (Vicente, 2015). Com a conquista da Copa do Mundo de 1978, multidões de jovens cercaram o ditador Jorge Videla, assim como ganharam as ruas nos eventos da Guerra das Malvinas em 1982, cenas entrelaçadas pelo discurso ditatorial sobre a juventude, que coordenava os sentidos de liberalismo-conservador e nacionalismo-reacionário. Se por um lado foi promovida uma abordagem que enalteceu a tradição liberal e se concentrou nos jovens como empreendedores, por outro foi colocada como um possível alvo de “penetração subversiva” cultural (Manzano, 2017: 375-377).

Com a transição democrática iniciada em 1983, a narrativa progressista do presidente Raúl Alfonsín, da UCR (1983-1989), saudou os jovens longe das perspectivas anteriores da direita, mas na segunda metade da década vários analistas sublinharam um “boom liberal” onde os jovens tiveram um papel central, ilustrado em fenômenos como a União para a Abertura Universitária (UPAU). Isso mudou a relação de visibilidade da juventude de direita: pela primeira vez, o espectro liberal-conservador prevaleceu nesse nível sobre o nacionalista-reacionário, como parte de um processo mais amplo no campo da direita (Morresi; Vicente, 2023). Como

outros militantes do período, os liberais se caracterizavam por se diferenciarem de seus líderes adultos. No caso daqueles que aderiram à União do Centro Democrático (UCEDE) ou permaneceram dentro do Partido Democrático (PD), isso implicou marcar diferenças em relação às experiências ditatoriais: os líderes que não haviam se comprometido com elas foram elogiados e aqueles que o fizeram foram obrigados a se retratar. Esses jovens se entendiam ideologicamente como “mais puros” do que seus líderes, mas também como referências internacionais e teóricos do espaço, a ponto de criticar Milton Friedman porque entendiam que algumas de suas posições eram insuficientemente liberais: assim, eles se apresentavam como “os trotskistas do liberalismo”. Como o UCEDE primeiro e a Aliança do Centro viram crescer seu fluxo de votos, esses jovens ganharam peso em lutas internas e posições disputadas com os líderes históricos.

Parte desse poder juvenil se esgotou nessas lutas internas e foi quebrada pela decisão do líder Álvaro Alsogaray de se juntar ao governo do peronista Carlos Menem (1989-1995; 1995-1999), um divisor de águas para os jovens da UCEDE. Alguns saíram do antiperonismo e aderiram à nova etapa, mas para outros isso implicou negar sua identidade e preferir deixar a política, coincidindo com uma questão cronológica: os jovens que começaram a ser ativos em 1983 já eram profissionais, formavam famílias e preferiam se dedicar à vida privada (Arriondo, 2015). Enquanto isso, no nacionalismo reacionário, nos primeiros anos da democracia, proliferaram publicações e grupos de inspiração diversa, do tradicionalismo católico ao neonazismo, passando por abordagens da Nouvelle Droite, promovidas por uma jovem geração de intelectuais e ativistas das margens de um sistema que eles repudiavam. Essa renovação intelectual nem sempre se traduziu em inovação prática: a maioria dessas organizações apelou para o conhecido repertório de manifestações, conferências e ações violentas. Por trás dessas iniciativas estavam os líderes que, apesar de terem mais de 30 ou 40 anos, não tiveram escrúpulos em assumir a voz das gerações futuras junto com uma retórica e estética juvenis, buscando recrutar jovens. Em sintonia com certas políticas de ditaduras anteriores, as admoestações sobre pornografia, drogas e rock mantiveram uma presença preponderante na imprensa nacionalista-reacionária, que as condenou como parte do “desvelamento” democrático. Paradoxalmente, nos espaços vilipendiados de shows, fliperamas, estúdios de tatuagem ou livrarias alternativas, vários jovens se conectaram com discursos antissistema, incluindo o do nacionalismo, que oferecia uma identidade comum, até mesmo adotando modelos transnacionais como skinhead até meados dos anos 90.

Menem conseguiu articular peronistas ortodoxos da tradição nacionalista com neoliberais enfáticos, enquanto políticos, técnicos e jovens figuras públicas protagonizaram elogios ao modelo de reconciliação entre peronistas e antiperonistas e à cultura estética juvenil promovida na conversibilidade peso-dólar. O presidente se gabava de pensar como um jovem, embora não pudesse aprovar uma reforma

eleitoral para trazer o voto de 18 para 16 anos, certo de sua popularidade entre os jovens. A bandeira da conversibilidade foi levantada pela Aliança, a coalizão que se opôs a um peronismo de direita do lado progressista e venceu as eleições de 1999. Os jovens nascidos na vida política durante o regime de Menem encontraram um lugar de diálogo como técnicos nas áreas de Economia, Educação e Cultura, em torno do presidente Fernando De la Rúa (1999-2001). O fim traumático do governo, que marcou a crise de 2001, implicou uma nova etapa para a política argentina. Lá, a juventude gradualmente se colocou em primeiro plano entre a direita de uma maneira diferente das dominantes no século que havia passado: de um partido que se apresentava como “o novo”.

Depois da crise

Em torno da crise de 2001, o protagonismo dos jovens foi destacado tanto nas jornadas de dezembro em que o presidente renunciou ao mandato quanto na transição subsequente que levou ao governo do peronista Néstor Kirchner (2003-2007). Os analistas se concentraram na nova militância governamental, mas recentemente foi destacado como os atores juvenis se tornaram ativos na defesa de políticas neoliberais ou tiveram relevância em diferentes manifestações com motivos de direita (Morresi; Saferstein; Vicente, 2021). Nesse contexto, o empresário e líder do futebol Mauricio Macri construiu seu próprio espaço político na Cidade Autônoma de Buenos Aires (CABA) com políticos peronistas e da UCR, pequenos partidos de direita e ativistas sociais. Foi o núcleo do Projeto Republicano (PRO), que se apresentou como “o primeiro partido do século 21” e “a nova política”, para além das ideologias. O PRO conseguiu a adesão de jovens do ativismo social (especialmente católicos) e estudantes que abriram espaços militantes em universidades privadas e depois públicas, reconvertendo até mesmo a imagem de Ernesto Guevara para “Macri é revolução”.

O “nuevismo” promovido pelo jovem cientista político Marcos Peña foi caracterizado por uma imagem clara identificada com a cor amarela e depois com um ecumênico multicolorido. Danças com cumbia e hits pop, roupas simples, mensagens caracterizadas por voceo e neologismos deram ao espaço uma tonalidade muito distante do perfil tecnocrático da direita liberal e da origem de classe dos líderes mais visíveis (Vommaro; Morresi; Bellotti, 2015; Grandinetti, 2019). Jovens quadros ocuparam cargos relevantes, especialmente do grupo Jóvenes PRO, criado em 2005, e que se tornaram visíveis a partir da gestão na CABA a partir de 2007. Ao contrário dos “Trotskyes do liberalismo” dos anos 80, era mais fácil para a juventude PRO alcançar posições de poder e implantar políticas voltadas para a juventude ou institucionalizar espaços juvenis, mas praticando um acompanhamento das posições

e estilo de referências adultas, a ponto de no grupo PRO Youth serem avaliados aqueles que se aproximavam para serem militantes com o formato de entrevista de negócios.

O estilo PRO era intolerável para os nacionalistas, tanto os líderes ligados ao Cabildo quanto os fóruns como El Nacionalista, ligado à tradicionalista Vanguarda da Juventude Nacionalista, onde circulavam mensagens conspiratórias e antisemitas promovidas por jovens foristas. À direita do PRO, além disso, cresceu uma dinâmica canalizada por atores juvenis que exigiam um “verdadeiro direito”. um pedido que foi além desse pequeno universo e chamou a atenção de analistas, como as cartas do estudante do ensino médio Agustín Laje no La Nación (Ferrari, 2009: 76-77). Os nacionalistas também coincidiram com as “organizações de memória completa” que exigiam a revisão dos anos 70 e outros espaços de militância enfrentados com os governos kirchneristas (2003-2007, 2007-2011, 2011-2015), onde os jovens podiam ser vistos insultando as “montoneritas ressentidas” do partido no poder. Em El Nacionalista houve muitos apelos para marchar contra o governo e propostas como o “casamento igualitário”, em sintonia com a adoção da mídia digital como instrumento de protesto e plataforma de mobilização de velhos e jovens, de liberais e nacionalistas. Não foi uma confluência automática, uma vez que as críticas e dúvidas persistiram apesar da rejeição compartilhada do partido no poder; mesmo assim, isso implicou uma abertura de um novo lugar para o nacionalismo reacionário, ao contrário da condenação que pesou sobre eles nas décadas anteriores, quando Alfonsín os rotulou como autoritários e Menem como extemporâneo. Alguns jovens conservadores procuraram aproximar o PRO dessas expressões nacionalistas, especialmente desde o revisionismo dos anos 70 e o anti-kirchnerismo, mas a liderança repudiou e até expulsou vozes cuja direita havia aberto conflitos com o estilo do partido. Foram referentes formados antes do retorno à democracia, como o advogado Federico Young ou o escritor Abel Posse, a quem os setores orgânicos da juventude admoestavam como “velhos conservadores” (uma rejeição semelhante à dos jovens UCEDEístas aos “dinossauros” mais velhos). Embora a crítica à juventude kirchnerista fosse uma bandeira intergeracional, os jovens do PRO replicaram o verticalismo que impingiram à organização oficial La Cámpora, algo que foi apontado por outros jovens que buscavam levar o PRO mais enfaticamente à direita ou se opunham a ele pela direita. Isso mostrou dois aspectos relevantes: por um lado, as fronteiras de direita do PRO eram um espaço de tensões; de outro, o crescimento de uma dinâmica que, a partir de áreas não centrais, buscou se aproximar de um espaço organizado sem cessar em suas ideias e empurrá-lo. Esses pontos foram momentaneamente enterrados quando o PRO aderiu ao governo nacional (2015-2019) liderando a coalizão Cambiemos (à qual se juntaram a UCR, a Coalizão Cívica e partidos menores), cujo caráter centrista não estava isento de desafios diante dos jovens militantes, como ilustrado por uma cena da mesma celebração eleitoral, quando um núcleo de

jovens censurou Macri por seu reconhecimento de certas políticas do kirchnerismo. O processo de governo levou à dispersão do dinamismo da juventude PRO e resultou em divisões cujo ponto de inflexão ocorreu na reta final do mandato, quando os movimentos de crítica da direita à gestão se materializaram em duas dimensões. Um em termos econômicos, com vozes alertando que as medidas não alcançaram o efeito projetado e o outro expresso como valores culturais. Isso ficou especialmente visível com a autorização do presidente para discutir a lei de interrupção voluntária da gravidez (IVE) em 2018, que dividiu o arco político e a coalizão governista (Faur, 2020). Lá, a rejeição ao governo foi impulsionada por setores jovens que exigiam uma direita mais enfática e construíram afinidade com figuras com presença crescente na mídia, tanto liberais quanto nacionalistas. Economistas neoliberais como Javier Milei e José Luis Espert apontaram tanto para sua área quanto para facetas culturais e ideológicas, uma frente onde ex-membros da coalizão como o ex-militar Juan José Gómez Centurión ou a ativista religiosa Cynthia Hotton eram visíveis. Além disso, referências de alto perfil nas redes sociais, como a já citada Laje (já jovem autora de ensaios de sucesso), promoveram críticas de valor sem ignorar o aspecto técnico-econômico. Nesse universo, foram estabelecidos vínculos com grupos de jovens envolvidos nessas ideias, que circularam críticas por uma ampla e heterogênea rede de espaços e expressões: mídias, livros, produções digitais, eventos culturais. As tentativas organizativas do partido foram, inclusive, parte de uma narrativa e prática radicalizada que ganhou espaço no debate público à direita do PRO, tensionou seus limites e gerou uma zona de clivagem que passou a ter um impacto longitudinal na política.

Crescendo à direita

O triunfo do PRO foi saudado por vários líderes da juventude como uma virada bem-vinda à direita, mas outros o apresentaram como “kirchnerismo de boas maneiras” ou “progressistas no armário”, como nos disseram vários entrevistados. Entre esses jovens, as alternativas de apoiar uma virada à direita de dentro do partido ou condicionar de fora tornaram-se uma encruzilhada: Como um deles nos apontou, era uma questão de escolher entre duas opções, pragmática e identitária. Essa narrativa, que vários jovens ativistas circularam na esfera digital, estava presente e palpável em eventos culturais que funcionavam como espaços de sociabilidade e encontro de jovens antes da organização política que foi articulada para as eleições legislativas de 2021: *La Libertad Avanza* (LLA), liderada pelo já mencionado Milei.

Um passo fundamental para a convergência foi dado em dezembro de 2018, quando o Partido Democrático (parte do PRO, mas rebaixado da assembleia nacional) organizou a “Conversa para as eleições de 2019”, patrocinada pela

Prensa Republicana e pela Fundação Libre, espaços liderados pelo advogado Nicolás Márquez e Laje, respectivamente, que apresentavam O Livro Negro da Nova Esquerda. O moderador foi o líder do partido Juan Carlos de Marco e eles se juntaram intelectuais experientes, como o nacionalista Vicente Massot (ligado ao Cabildo nos anos 70 e funcionário de Menem nos anos 90) e o economista Agustín Monteverde, do neoliberal Centro de Estudos Macroeconômicos da Argentina (CEMA), mostrando amplitude geracional e presença das duas famílias de direita. Ativistas da iniciativa revisionista “Memória Completa” e da iniciativa antiaborto “Salve Duas Vidas” foram convidados por religiosos e seculares, católicos e evangélicos. Entre eles, Segundo Caraffi, do Centro de Estudos Cruz del Sur, Enzo Difabio, do Movimento por Valores e da Família de Mendoza, jovens militantes de pequenos partidos e movimentos conservadores “pró-vida” como o Partido da Vida e a Frente Federal Família e Vida. Diante de uma plateia composta majoritariamente por jovens não ativistas, a adesão às ideias e valores proclamados por Laje (alguns anos mais velhos que eles) e Márquez exemplificou em suas figuras como a visibilidade se estendia das redes aos encontros no espaço físico e como neoliberais e confessionais, conservadores e nacionalistas, Viveu. Alguns usavam insígnias do Partido Libertário, fundado meses antes com o salto de Espert para a política partidária, mas muitos se reconheciam como eleitores insatisfeitos do governo e até mesmo ex-militantes do PRO se distanciaram do partido por seus “maus-tratos aos valores familiares”, como outro aluno nos disse. A busca por referências culturais e políticas à direita do governo foi explicitada entre muitos jovens como motivo para frequentar e validar um espaço de confluência. Outro participante afirmou que seguiu Laje e Márquez “por causa de como eles pensam, concordo com toda a luta que estão fazendo. Eu os sigo fielmente (...) não sou membro de nenhum partido, mas estou disposto a ajudar de algum campo.” A sociabilidade digital, que já sediou uma conversa semelhante e a formação de comunidades ativas de debate e ativismo a partir de fóruns e redes sociais, começou a encontrar um correlato presencial, onde os jovens se destacavam por sua presença e pela busca de eventos apropriados antes relacionados a adultos ou práticas progressistas. Na pauta desses eventos, a luta contra a “ideologia de gênero” ocupou um primeiro plano, “a defesa dos valores familiares”. A discussão sobre o aborto em 2018 e depois em 2020 (quando foi aprovada) incentivou a organização e a tomada às ruas de jovens ativistas e militantes partidários, tanto de instituições de pertencimento quanto de forma mais espontânea (López *et al.*, 2021). Referências culturais como Laje e Márquez, outras como a ativista católica Lupe Batallán e o ensaísta conservador Pablo Muñoz Iturrieta alcançaram impacto nas redes sociais e suas ideias foram replicadas nas mobilizações e encontros. Neles, a tese de O Livro Negro..., de que a esquerda teria conseguido vencer a “batalha cultural” pelo “senso comum” após suas derrotas políticas e o recuo da direita para o plano econômico, surgiu de um discurso beligerante.

A “ideologia de gênero” foi apresentada como parte de uma “revolução cultural gramsciana” que teve que ser combatida contra um senso comum que era inconscientemente esquerdista. O tema, que circulou internacionalmente, tinha singularidades locais relacionadas à etapa kirchnerista e ao governo Macri: o primeiro o promoveu a partir do progressismo e o segundo “aprofundou o desastre cultural”, como disse Laje no evento mencionado. Se o governo tivesse contribuído para vencer a eleição presidencial contra o kirchnerismo, faltava uma “verdadeira revolução cultural” que o macrismo teria ignorado em busca de votos centristas e até progressistas. Monteverde falou sobre a inviabilidade do plano econômico “gradualista” do governo que, enfatizou, implicava “esticar o sofrimento” da sociedade ao não ousar medidas drásticas para reduzir o déficit fiscal, já que os gastos do Estado eram a “principal doença”: “O Estado é uma ‘vaca sagrada’, não é tocado, mas engordado. Ele pediu uma rebelião fiscal contra aquele Estado que tratava os cidadãos como ‘servos’”. Essa tendência teve um impacto maior entre os jovens por causa de outra economista, a já citada Milei, que ganhava visibilidade desde 2015 na mídia e nas redes. Com um discurso altissonante, atacou o que apresentou como um modelo onde o Estado e as medidas “coletivistas” eram os principais problemas, que então articulou com uma perspectiva decadente (Morresi; Vicente, 2023).

O estilo vulcânico de Milei se traduziu em audiência dos programas em que participou e começou a ser replicado na esfera virtual, onde os jovens circulavam vídeos onde ele “batia” em seus adversários do espectro peronista, membros do PRO ou interlocutores da televisão. O economista se concentrou em dois ministros: o responsável pela pasta econômica, Alfonso Prat Gay, que considerava “keynesiano”, e o chefe de gabinete, o já mencionado Peña, a quem caracterizou como o progressista responsável pelo centrismo do governo. Desde 2017, ganharam circulação dezenas de contas no YouTube que replicavam as aparições de Milei, muitas com centenas de milhares de seguidores, como “Milei Presidente”, que foi como ele se apresentou em julho de 2017:

“Javier Milei é a pessoa ideal para nos tirar da decadência que vivemos na Argentina há 80 anos. Ele é nosso melhor candidato para encabeçar uma lista liberal e libertária. Este canal é uma tentativa de Milei ver o número de pessoas que o apoiam e considerar a possibilidade de concorrer a um cargo. Vamos fazer uma força para que isso aconteça.”

Em nosso trabalho de campo em 2019 e 2020, esse pedido apareceu repetidamente e esse tipo de vídeo multiplicou sua circulação com a mudança de Milei para a política eleitoral em 2021, quando ele lançou o LLA. Centenas de comentários de jovens definiram o economista como a “última esperança”, pediram-lhe que

concorresse às eleições e saudaram sua identificação dos culpados do “desastre”: de teóricos como Karl Marx e John M. Keynes a políticos tradicionais, passando pela cultura estatista. Dezenas de contas de seguidores de Milei foram adicionadas no Youtube, Facebook, Twitter e, posteriormente, Instagram e Tik Tok, formando uma esfera digital de sociabilidade e apoio, que depois se expressou em espaços presenciais e de militância de rua.

Essa dinâmica se intensificou durante as medidas socio sanitárias contra a Covid-19 do governo peronista da Frente de Todos (FdT, 2019-2023), onde ocorreu um adensamento das relações sociais na esfera digital que evidenciou o movimento de atores culturais e políticos em torno de ideias “libertárias” (como Milei as definiu) e se expressou no encontro de tradições, líderes e ativistas nas ruas. De apresentações virtuais com painéis ecumênicos de direita à coexistência de militantes libertários e nacionalistas em manifestações, ligações incomuns entre as duas tradições de direita tornaram-se visíveis desde 1983, com o ativismo juvenil radical no centro. As ideias acima mencionadas de “ocupar” lugares antes reservados aos idosos ou ao progressismo ganharam maior impacto, como na simbólica Feira Internacional do Livro de Buenos Aires (Saferstein; Goldentul, 2023).

O mesmo aconteceu nos eventos e atos em que Milei apareceu, que se tornaram espaços de encontro para jovens que liam os autores referidos pelo economista ou representação simbólica de suas ideias mais ressonantes, como o incêndio do Banco Central na peça “O escritório de Milei”, de 2019. Nesse contexto, a relação com Espert, que alternou encontros pessoais e divergências políticas até 2023, quando Milei concorreu à presidência, funcionou quase como uma metáfora: Milei entusiasmou líderes neoliberais, mas expressou diferenças com eles que não vieram à tona quando acrescentou atores nacionalistas, conservadores ou religiosos e incorporou eixos de suas agendas. Se com o primeiro as questões de identidade e método eram muitas vezes privilegiadas, com o resto houve um efeito fusionista que reuniu diferentes conceitos e fraseologia para enfrentar um inimigo comum. Isso foi demonstrado pelas intervenções de Milei, Laje e Márquez no primeiro evento que os reuniu publicamente, em março de 2019, com a Cruz del Sur como entidade anfitriã. Esse efeito articulador e polêmico empolgou jovens ativistas e militantes, lideranças juvenis que se mostraram nas redes sociais e vivenciaram Milei em eventos, organizaram a distribuição de cédulas e cuidaram dos votos nos três turnos eleitorais de 2023 que o consagraram presidente agitando bandeiras libertárias e conservadoras.

Na campanha, um coletivo plural foi vivificado, desde jovens autodefinidos “mejoristas” (Semán; Welschinger, 2023) que aderiram a uma ideologia econômica antiestatal e empreendedora até ativistas que se reconheceram como parte das diferentes expressões do conservadorismo, passando por jovens que se interessam por política a partir de uma posição de rebeldia (no sentido de Stefanoni, 2021). Primeiro libertário, depois expandido em termos ideológicos a partir desse posicionamento

beligerante, do tom juvenil e da adesão a uma gramática de direita ampla e radical, foi em todos os casos um ativismo juvenil rebelde. Como disse um militante peronista que se aproximou do grupo armado LLA: “Somos rebeldes, somos antissistema. E, além disso, Milei é um cara que se comporta como uma criança, que se veste como uma criança, uma estrela do rock.” Essa ideia também apareceu naquelas que buscavam se desvincular dos “chetos” PRO, enfatizando uma militância popular e “apimentada”, mas também em mulheres jovens que buscavam seu lugar em um ambiente predominantemente masculino (Vázquez, 2023). Jovens que foram formados intelectual e ideologicamente a partir dos discursos e produtos culturais que Milei oferecia também chegaram lá, como contou um streamer libertário:

“Há muitas crianças pequenas, inclusive eu, que foram educadas sobre porque éramos do jeito que éramos Quando falamos sobre o “Estado do Estado” (...) ressoa com Rothbard, Henry Hazlitt, muitos artigos que Milei estava dizendo há muito tempo e havia as respostas e fomos procurá-las. Milei educou muitas pessoas.”

Na base social de apoio a Milei, o ativismo juvenil foi fundamental no passo em direção à militância político-eleitoral (como destacou Vázquez, 2023): uma primeira ativação de pequenos partidos e espaços liberais-libertários de grupos armados de direita marginais ou de curta duração; uma segunda etapa ligada à passagem para a militância dos debates acima mencionados para o IVE; e uma terceira onda, de massificação, dada a partir das mobilizações durante a pandemia e da participação nos eventos do Milei. Nesse processo, a militância libertária retomou repertórios de ação de outros ativismos juvenis, de mobilização e liturgia (como cantos e músicas em manifestações), de organização partidária (relacionada à formação de quadros e proselitismo), da amplitude ideológica que sob um tronco doutrinário incorporou diferentes expressões de direita de forma fusionista. A face do fusionismo do mileísmo nascente tinha, em seu eixo, traços juvenis e os setores nacionalistas-reacionários, as ideias fundamentalistas e conservadoras ou as que chegavam das margens de direita do peronismo ou de anteriores eleitores do PRO aliados ao ativismo libertário, em uma viva radicalização de protesto de direita, como a promovida no nascimento do conceito (Nash, 1987).

A passagem de Milei para a candidatura presidencial deu início a uma etapa de sedimentação política caracterizada por um ativismo de “lutadores culturais” inconformistas e rebeldes, mas que articulou pragmaticamente seu crescimento. A LLA incorporou candidatos do peronismo e do radicalismo, do PRO e de expressões da direita nacionalista (como a família Bussi em Tucumán) capazes de representar suas diferentes bandeiras, do antiaborto ao empreendedorismo, a partir da crítica à política tradicional (Morresi; Ramos, 2023). Essa dinâmica foi observada na cons-

trução partidária, na inserção dos jovens no ambiente universitário e nas escolas secundárias, bem como no campo da batalha de ideias, buscando afinar tempos e eixos com a construção do volume político. A chegada da LLA ao poder, finalmente, mostrou que essa face fusionista se prolongou na expansão das iniciativas juvenis em campanhas de filiação, na formação de grupos como Avancemos e Agrupación por la Unidad, Libertad y Amplitud de los Secundaria (AULAS) (com o objetivo de “erradicar a doutrinação”) e na consolidação de novos think tanks. além de dar continuidade à narrativa da “batalha cultural”, como o “II Fórum Pan-Americano de Jovens Políticos” (que busca contrastar sua narrativa com o “Foro de São Paulo”). Se essas três vertentes do ativismo mostram como o pragmatismo e a identidade coexistem em tensão, com a juventude como elemento fundamental e com a vocação de fundir atores, identidades e ideias. Por outro lado, pequenos espaços nacionalistas que haviam atuado em favor de Milei na campanha se voltaram para a oposição por suas medidas econômicas liberais, a identificação do economista com Israel e o judaísmo ou o surgimento de casos de corrupção, embora setores como o Fórum Nacionalista Argentino se assumissem parte da LLA. Ambas as dinâmicas são sinais de que o processo que corou em termos eleitorais e institucionais uma virada que havia começado anos antes, a partir do processo de convergência e radicalização da direita argentina, com o ativismo juvenil e a militância no centro, tem características marcantes em termos de velocidade e radicalismo, mas seu desenvolvimento é uma dinâmica aberta.

Considerações finais

A posse presidencial de Milei foi saudada por milhares de pessoas na Plaza de Mayo e arredores, onde jovens cujo ativismo era anterior à candidatura do economista se reuniram com outros que começaram a ser ativos quando ele entrou na política eleitoral, bem como eleitores menos comprometidos, mas igualmente simpáticos. Entre bandeiras de Gadsden e cânticos contra a política tradicional, lenços azuis claros com a inscrição “Salvem as duas vidas” e referências religiosas católicas ou evangélicas, camisetas da “causa das Malvinas” que o nacionalismo reivindica, bandeiras israelenses como as que Milei hasteou na campanha, livros do agora presidente e de seus inspiradores foram rodados. O fusionismo foi colocado em ação nos jovens que cercaram o evento e no discurso de posse presidencial, simbolicamente proferido pelas costas do Congresso Nacional.

Embora a cena possa descrever um acelerado processo de politização e a chegada ao poder de uma expressão de direita impulsionada pela juventude, o triunfo eleitoral da própria LLA deve ser lido em uma perspectiva mais ampla, que supera os objetivos deste texto. Aqui nos concentramos na historicidade do lugar que os atores

juvenis ocuparam na direita argentina em dois ciclos: do início do século XX à crise de 2001, e daquele momento até o presente. Uma série de pontos-chave deve ser sublinhada: embora ao longo do período em consideração tanto as famílias liberais-conservadoras quanto as nacionalistas-reacionárias expressassem rostos jovens, até 1983 estes eram mais visíveis na última do que na primeira, algo que mudou com a restauração da democracia, quando o liberalismo juvenil ganhou centralidade.

No pós-crise, também a partir do eixo liberal-conservador, o ativismo juvenil ocupou um lugar central com a experiência do PRO e como operava uma radicalização de direita, sua expressão mais aceitável também se articulava a partir daí, em torno do libertarianismo de Milei, que apontava contra o progressismo, mas também contra aquela direita dominante e centrista. O economista foi capaz de apelar para motivos conservadores, nacionalistas e religiosos ao implantar um fusionismo político que seus seguidores adotaram abertamente, em parte porque já estava circulando entre ativistas e militantes. Esse movimento tirou as expressões nacionalistas-reacionárias das margens onde estavam desde 1983, entrelaçando-as com esse lado radical da família liberal-conservadora e nessa fusão deixa em aberto a formação de uma nova face para a direita argentina, onde o lugar dos jovens tem sido central e cuja dinâmica, com a LLA no governo, Continua.

REFERÊNCIAS

- ARRIONDO, L. De la UCeDe al PRO un recorrido por la trayectoria de militantes de centroderecha de la Ciudad de Buenos Aires. Em: **Hagamos equipo. El PRO y la construcción de la nueva derecha en Argentina**. Buenos Aires: UNGS, 2015. p. 203–230.
- BARTOLUCCI, M. La resistencia antiperonista: clandestinidad y violencia. Los comandos civiles revolucionarios en Argentina, 1954-1955. **Páginas**, n. 24, sep.-dic. 2018.
- BESOKY, Juan Luis. **La derecha peronista: Prácticas políticas y representaciones (1943-1976)**. Director: Ernesto Bohoslavsky. 2016. 331p. Tesis (Doctorado en Ciencias Sociales). Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad Nacional de La Plata, Buenos Aires, 2016.
- BOHOSLAVSKY, E.; ECHEVERRÍA, O.; VICENTE, M. Introducción. Em **Las derechas argentinas en el siglo XX. Tomo I: De la era de las masas a la guerra fría**. Tandil: UNICEN, 2021.
- BOURDIEU, Pierre. La représentation politique. **Actes de la recherche en sciences sociales**, n. 36-37, 1982.
- BUCHRUCKER, Cristian. **Nacionalismo y peronismo: La Argentina en la crisis ideológica mundial (1927-1955)**. Buenos Aires: Sudamericana, 1987.

CASAS, M. **La tradición en disputa**. Iglesia, Fuerzas Armadas y educadores en la invención de una “Argentina gaucha”, 1930-1965. Rosario: Prohistoria, 2018.

CARAFÍ, S. **Los jóvenes y la derecha - Por Segundo Carafí**. **Cruz del Sur**, 19 mar. 2019. Disponível em: <<https://cruzdelsurce.org/los-jovenes-y-la-derecha-por-segundo-carafi/>>. Acesso em: 22 maio. 2024

COLLEY, T.; MOORE, M. The challenges of studying 4chan and the Alt-Right: ‘Come on in the water’s fine’. **New Media & Society**, v. 24, n. 1, p. 5–30, 1 jan. 2022.

CUCCHETTI, Humberto. **Combatientes de Perón, herederos de Cristo**: peronismo, religión secular y organizaciones de cuadros. Buenos Aires: Prometeo, 2010.

DENADAY, Juan Pedro. **Partisanos y plebeyos**: una historia del Comando de Organización de la Juventud Peronista, 1957-1976. Rosario: Prohistoria, 2022.

FAUR, E. Educación sexual intergral e “ideología de género” en la Argentina. **Forum. Latin American Studies Association**, v. 51, n. 2, p. 57–61, 2020.

FERRARI, G. **Símbolos y fantasmas: las víctimas de la guerrilla ; de la amnistía a la justicia para todos**. 1. ed ed. Buenos Aires: Sudamericana, 2009.

FRANCO, Marina. **Un enemigo para la nación**: orden interno, violencia y “subversión”, 1973-1976. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2012.

GALVÁN, María Valeria. **El nacionalismo de derecha en la Argentina posperonista**: El semanario *Azul y Blanco* (1956-1969). Rosario: Prohistoria, 2013.

GOLDENTUL, A.; SAFERSTEIN, E. Los jóvenes lectores de la derecha argentina. Un acercamiento etnográfico a los seguidores de Agustín Laje y Nicolás Márquez. **Cuadernos del Centro de Estudios en Diseño y Comunicación** N°112, v. Año XXIV, Vol.112, Febrero 2022, Buenos Aires, Argentina, p. 113–131, 2021.

GOODWIN, M.; EATWELL, R. **Nacionalpopulismo**. Por qué está triunfando y de qué manera es un reto para la democracia. Barcelona, Península, 2019.

GRANDINETTI, J. R. The participation of «Propuesta Republicana» (PRO) party’s young activists in university student unions. **Revista SAAP**, v. 13, p. 77–106, 2019.

GRINCHPUN, Matías. ¿Patriada o nimiedad? Repercusiones y representaciones del Operativo Cóndor en las extremas derechas (1966-1986). **Antigua Matanza**, La Matanza, n.6, v.2, pp. 238-272, dic. 2022 - jun. 2023.

LÓPEZ, M. et al. Articulaciones, representaciones y estrategias de la movilización contra la interrupción voluntaria del embarazo en Argentina (2018-2020). **Población y sociedad**, v. 28, n. 1, p. 131–161, jan. 2021.

LVOVICH, D. **Nacionalismo y antisemitismo en la Argentina**. Buenos Aires: Vergara, 2003.

MANZANO, Valeria. **La era de la juventud en Argentina**: Cultura, política y sexualidad desde Perón hasta Videla. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2017.

MCGEE DEUTSCH, S. **Las derechas**. La extrema derecha en Argentina, Brasil y Chile, 1890-1939. Bernal: UNQ, 2005.

MORRESI, Sergio y VICENTE, Martín. Rayos en cielo encapotado: la nueva derecha como una constante irregular en la Argentina. *En: Está entre nosotros: ¿De dónde sale y hasta dónde puede llegar la extrema derecha que no vimos venir?* Buenos Aires: Siglo XXI, 2023, p. 43-80.

MORRESI, S.; SAFERSTEIN, E.; VICENTE, M. Ganar la calle. Repertorios, memorias y convergencias de las manifestaciones derechistas argentinas. **Clepsidra. Revista Interdisciplinaria de Memoria**, v. 8, n. 15, p. 134–151, 2021.

NAGLE, A. **Kill all normies: online culture wars from 4chan and tumblr to trump and the alt-right**. Charlotte NC: John Hunt Pub, 2018.

NASH, G. **La rebelión conservadora en Estados Unidos**. Buenos Aires: GEL, 1987.

OSGERBY, Bill. **Youth in Britain since 1945**: Making contemporary Britain. Oxford: Blackwell, 1998.

PADRÓN, J. “¡Ni yanquis ni marxistas, nacionalistas!”. Nacionalismo, militancia y violencia política: el caso del movimiento nacionalista Tacuara en la Argentina, 1955-1966. Los Polvorines: UNLP-UNGS-UNaM, 2017.

REIN, Raanan. **Argentina, Israel y los judíos**: De la partición de Palestina al caso Eichmann (1947-1962). Buenos Aires: Lumiere, 2007.

RÉMOND, R. **La Droites em France de 1815 a nous jours**. Paris: Aubier-Montaigne, 1983.

ROMERO, G. Orden, Familia y Educación Sexual. Análisis de la trama de sentidos en torno al movimiento #ConMisHijosNoTeMetas en Argentina. **Revista Cultura y Religión**, v. 15, n. 1, p. 75–107, 30 jun. 2021.

RUIZ, Sebastián. “**Por la Nación contra el Caos**”: los nacionalistas católicos de *Cabildo, El Fortín y Restauración* frente a la “subversión” durante el tercer peronismo (1973-1976). Directores: María Valeria Galván y Martín Vicente. 2023. 155p. Tesis (Maestría en Historia). Escuela de Altos Estudios Sociales, Universidad Nacional de San Martín, Buenos Aires, 2024.

SAFERSTEIN, E.; GOLDENTUL, A. La batalla cultural de las “nuevas derechas” - Revista Anfibia. **Revista Anfibia**, maio 2022.

SEMÁN, P.; WELSCHINGER, N. Juventudes mejoristas y el mileismo de masas. Por qué el libertarismo las convoca y ellas responden. Em: **Está entre nosotros**. ¿De dónde sale y hasta dónde puede llegar la extrema derecha que no vimos venir? Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2023. p. 163–202.

STEFANONI, P. **¿La rebeldía se volvió de derecha?** cómo el antiprogresismo y la anticorrección política están construyendo un nuevo sentido común (y por qué la izquierda debería tomarlos en serio). Buenos Aires, Argentina: Siglo Veintiuno Argentina, 2021.

VÁZQUEZ, M. Los picantes del liberalismo. Jóvenes militantes de Milei y “nuevas derechas”. Em: **Está entre nosotros**. ¿De dónde sale y hasta dónde puede llegar la extrema derecha que no vimos venir? Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2023. p. 81–122.

VICENTE, M. **De la refundación al ocaso**. Los intelectuales liberal-conservadores ante la última dictadura. Los Polvorines: UNLP-UNGS-UNaM, 2015.

VICENTE, M. La sonrisa liberal-conservadora. Política, ideología y cambio social en el humor de la revista *El Burgués* (1971-1973). **Temas y Debates**, n. 37, 2019.

VOMMARO, G.; MORRESI, S.; BELLOTTI, A. **Mundo PRO: anatomía de un partido fabricado para ganar**. C.A.B.A: Planeta, 2015.

Submetido em: 02/07/2024

Aprovado em: 02/09/2024